

**(EN) CENAÇÕES E PRÁTICAS DISCURSIVAS EM GÊNEROS E
SEXUALIDADES: VOZES DISSONANTES NO SEMIÁRIDO.**

Pesquisa sendo desenvolvida na UNEB, Campus VII, no GruPANO – Grupo de Pesquisa e Extensão em Artes Cênicas do Semiárido Brasileiro.

Erick Naldimar dos Santos¹

Resumo:

Treinada pelo dualismo metafísico ocidental, a sociedade desenha os sujeitos como se a mente estivesse presente e os corpos não. A história da sexualidade não pode ser pautada no “discurso de silêncio”, de apagamento, mas um incitamento ao discurso sobre o sexo, uma vez a sexualidade configurar um dispositivo histórico (Foucault, 1985). Diante desse cenário, faz-se necessário compreender, através da (auto) biografia do Grupo de Teatro (gay) Mutart como as práticas discursivas, em gênero e sexualidades, sofreram restrições à liberdade de criação e opinião no que se refere a constituição de seus processos de subjetivações? Estava a sociedade aberta aos discursos pautados nas/pelas diferenças para que se efetivasse os processos intersubjetivos? Por que há uma ausência de estudos sobre o Grupo de Teatro Mutart, uma vez que, este grupo revestiu dos discursos sócio históricos, culturais e políticos, para permear sua formação e constituição (inter) subjetivas? É a parte derradeira do século XX que, atualiza os modos de subjetivação e as possibilidades de resistências, tornando-os atos políticos e de lutas pelos direitos humanos. Rompemos com essas violações quando propomos uma abnegação ao individualismo estigmatizado do cotidiano, ao abandono às regras sociais e universais obrigatórias assim faremos mover as descobertas microssociais de novas possibilidades de viver e de existir, viabilizando o contato com as diferenças.

Palavras-Chaves: Grupo de Teatro Mutart; Semiárido baiano; Sexualidade; Subjetivações

INTRODUÇÃO: Ato 1 –Ao abrir das cortinas!

Treinada pelo dualismo metafísico ocidental, a sociedade desenha os sujeitos como se a mente estivesse presente e os corpos não. A concepção que se naturalizou pelo binômio homem/mulher há muito vem sendo repensada e trazendo para além do habitus (Bourdieu, 1983) a complexidade e novos olhares e performances (Butler, 2003). Isso se explica pelo fato de não haver papéis/funções sociais biologicamente inscritos; há circularidade e *traffic* (Gayle & Butler, 2003). As ações das forças que estão sempre circulando, mantêm-se uma relação de lutas e de choques que de alguma maneira atribui um sentido singularizado pelo próprio modo de ser. Esse processo de deslocamento não constitui o indivíduo como uma entidade

¹ Mestre em Estudos Literários, Especialista em Educação, Gênero e Direitos Humanos, professor do Centro Territorial de Educação Profissional Piemonte Norte Itapicuru, integrante do GruPANO (Grupo de Pesquisa e Extensão em Artes Cênicas do Semiárido Brasileiro.

engessada, mas provisória, fluida, configurando o vigor da ação dessas forças como algo variável. Assim, a temática desse projeto perpassa pelas *(EN) Cenações e Práticas Discursivas em Gêneros e Sexualidades: Vozes dissonantes no semiárido*.

A história da sexualidade não pode ser pautada no “discurso de silêncio”, de apagamento, mas um incitamento ao discurso sobre o sexo, uma vez a sexualidade configurar esse dispositivo histórico (Foucault, 1985). Diante desse cenário, faz-se necessário compreender, através da (auto) biografia do Grupo de Teatro (gay) Mutart² como as práticas discursivas, em gênero e sexualidades, sofreram restrições à liberdade de criação e opinião no que se refere a constituição de seus processos de subjetivações? Estava a sociedade aberta aos discursos pautados nas/pelas diferenças para que se efetivasse os processos intersubjetivos? Por que há uma ausência de estudos sobre o Grupo de Teatro Mutart, uma vez que, este grupo revestiu dos discursos sócio históricos, culturais e políticos, para permear sua formação e constituição (inter) subjetivas?

A partir dessas interrogações, pretendemos indicar processos e temporalidades, não como algo espontâneo somente – mas como resultado de emergências (sociologia das presenças e das ausências, das expressões humanas e sociais em sua pluralidade e complexidade) (Santos, 2002). Assim compreenderemos as inúmeras possibilidades de enfrentamentos, contestação e subversão do poder, uma maneira de reconhecer grupos invisibilizados, utilizando de práticas políticas, educativas e culturais e fazendo ecoar vozes por espaços nunca antes visitados.

CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA: ATO 2 – Luz, Câmera, Ação!

Louro (2004, p. 7 - 16) afirma que aqueles que se encorajam em expressar suas sexualidades são alvos de vigilância redobrada, e cabe a nós questionar essa normalização, buscando na inquietação, estremecer práticas discursivas autoritárias e excludentes. Aposta em articulações que ponham em “movimento o subversivo”, arrisquem o impensável, façam “balançar estabilidades e certezas”, pois acredita que mesmo diante de tanto disciplinamento, há aqueles que transgridem arranjos e subvertem as normas. Sair da “rota fixada” é se tornar alvo preferencial de ações corretivas e punitivas. Sujeitos dissidentes não buscam ser “integrados”, “aceitos” ou “enquadrados”; o que anseiam é romper com uma lógica que, a favor ou contra, continua se dirigindo à identidade central, assumindo-se como “estranhos, esquisitos, excêntricos” (LOURO, 2003, p. 8). Preferem encontrar nas inúmeras possibilidades de lutas e enfrentamentos, uma maneira de ser reconhecidos e fazer sua voz ecoar nas reexistências, transgressões e rebeldias.

O Grupo de Teatro (gay) Mutart foi capaz de revelar no indivíduo, suas potencialidades e importância vital perante suas vivências no semiárido baiano. Foi responsável por minimizar a passividade e o papel secundário diante da vida e, colocar-se como atores e agentes transformadores da própria história (Santos, 2016, 2017). Fundado em 1981, o Grupo de Teatro Mutart vivenciou e experienciou o início do período da

² O Grupo de Teatro (gay) Mutart surgiu na década de 80, na cidade de Senhor do Bonfim, em plena abertura política. A década de 80 foi marcada por encenações com temáticas que abordavam gêneros e sexualidades; a década de 90 recebeu artistas trans e os anos 2.000 esse grupo veio a se transformar em agência artística e de produções.

abertura política no Brasil. Esse ideal democrático ganhou força e diversos setores da sociedade, inclusive o setor artístico-cultural, imprimiram suas concepções, anseios e visões de mundo. O universo teatral caracteriza um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana. Mulheres e homens poderão se afirmar como sujeitos inteiros e criadores, em suas dimensões sociais e humanas, em sua integralidade: identidades (re) construídas num contexto de lutas pelas liberdades e pela afirmação do corpo como meio de expressão e transgressão.

Desgranges (2003, p. 51) defende, “um teatro fortemente marcado por sua vontade educacional” em que democratiza “os meios de produção teatral e possibilita ao espectador o acesso a essa linguagem”. O tempo dos lugares heterogêneos, é esse momento preciso, onde desaparece esse imenso capital que nós vivíamos na intimidade de uma memória, para só viver sob o olhar de uma história reconstituída. Sobre essa constatação, há que se aproximar, ademais, do problema das “memórias clandestinas e inaudíveis” que permanecem intactas até o dia em que “possam aproveitar uma ocasião para invadir o espaço público e passar do “não-dito” à contestação e à reivindicação” (POLAK, 1989, p. 9).

Guattari (1992, p.33) já afirmava que “a única finalidade aceitável das atividades humanas é a produção de uma subjetividade que enriqueça de modo contínuo sua relação com o mundo”. “Os discursos políticos que tendem a cultivar identificações a serviço de um objetivo político”, entenda que, “a persistência da desidentificação, seja igualmente crucial para a rearticulação da contestação democrática” (BUTLER, 2010, p. 156). É o tempo e o espaço que estão sendo reorganizados e atuando de maneira transformadora na vida social cotidiana, através de políticas sociais e da diversidade. Isso mostra que as “alianças são transitórias e as verdades mudam aceleradamente. Tudo é descartável, substituído e, logo depois, substituído de novo” (Thürler, 2011, p. 14).

Para uma produção de sentidos nessas “alianças transitórias”, é preciso pensar práticas discursivas que promovam a igualdade de oportunidades, a inclusão e a integração social, conforme podemos ratificar em Trevisan (2004). Dentre tantos outros grupos que possam vir a ter existido e discutido aspectos sócio históricos, culturais e políticos, debruçaremos nossos olhares para a representatividade do Grupo de Teatro Mutart, um grupo formado, majoritariamente, por artistas gays, no semiárido baiano (Silva, 2014). Migrando das capitais para o interior, dos centros para as margens, precisamos valorar a trajetória desse grupo para que, captemos aquelas vozes, onde geralmente, são silenciadas, apagadas e esquecidas. O Mutart também se utilizou dos discursos de deslocamentos e descentramentos em que “determinadas pessoas percebem que precisam de políticas especiais porque as suas realidades e identidades não são exatamente iguais às demais”. É preciso ressignificar estas identidades desrespeitadas e pertencentes a grupos sociais “minoritários” para que se consiga uma equidade de participação e representação. “Precisamos problematizar as heterossexualidades” ao invés de “apenas tratar e afirmar as identidades homo, lesbo, bi, trans e intersexualidades” (COLLING, 2013, p. 408 - 411).

A representação pautada neste projeto de pesquisa tem como objeto o Grupo de Teatro (gay) Mutart, justamente, por se tratar de uma expressão artística que, serve

para debruçar sobre o recorte de práticas discursivas em gênero, sexualidades e seus efeitos nos processos de subjetivações. Por esse caminho, traçaremos uma leitura transversal, cultural, política em que os desdobramentos contemporâneos articulem de forma a oferecer sentido nas pluralidades dessas vozes. Quem é representado como diferente, torna-se indispensável para a abertura de novos debates, assim Foucault (2007) nos diz que, normalizar os sujeitos no que concerne o gênero, é coloca-los frente aos mecanismos de poder, disciplinamento e regulamentação. Essa maneira de perceber o mundo e nele agir é uma maneira de compreender de que forma esses modos de subjetivações são construídos e disseminados. Enquanto a memória hegemônica se esforça em eliminar ou apagar as memórias subalternas, existem sujeitos pesquisadores que insistem em manter a chama acesa, e trazer para o palco do conhecimento, as formas que essas memórias são (des/re) construídas.

Quando práticas culturais assinam novos conflitos sociais e simbólicos, formam sujeitos que protagonizam lutas nos campos sexuais, geracionais, étnicos, em forma de resistência, subversão, descontinuidades e transgressões. A cultura aqui é compreendida como ação/práxis política e que matiza zonas fronteiriças entre poderes e sexualidades, ademais de contemplar uma metodologia histórico-narrativa, aproximando interfaces de áreas do conhecimento, especialmente História/Memória, Artes e Política. Nessa perspectiva, o presente projeto se justifica na medida em que propõe aprofundar conhecimentos nesta temática, impactos, consequências e fatores associados. Como contribuição social, o estudo visa possibilitar a interlocução entre diferentes áreas do conhecimento, estimulando a interdisciplinaridade (ou pelo menos aproximações transversais), fundamental à implementação de medidas de prevenção, nos diversos contextos sociais.

Podemos apostar que, novos ventos estão soprando em favor das multiplicidades e das políticas culturais como espaço de produção de sentido, o que Foucault (2003) vem chamar de “heterotopia”. Pensar a heterotopia é, abrir-se para além do planejado, atentar mais para a trajetória do que para o ponto de chegada. Esse pensamento, configura-se sob essa forma espontânea de viver e de fazer ecoar outras vozes que cochilam inquietas, mas, que aguardam para dar sentido, desenhar suas singularidades. Indivíduos e grupos que têm seus direitos negados e pleiteiam lugares de visibilidade, ou que caminham por espaços de tolerância e aceitabilidade, não protagonizam nos espaços hegemônicos. Um caminho epistemológico contemporâneo é aquele que, que abarca práticas discursivas que desmarginaliza, desestrutura dicotomias entre o centro e as margens, negociam espaço de poder sociocultural e redimensionam representatividades.

REFERENCIAL TEÓRICO: ATO 3 - Sob a luz dos holofotes!

ARENDRT, H. **Homens em tempos sombrios**. Trad. Denise Bottmam. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BUTLER, Judith & RUBIN, Gayle. **Tráfico sexual – entrevista (Gayle Rubin com Judith Butler)**. cadernos pagu (21), Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 2003, pp.157-209.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

COLLING, Leandro. **A igualdade não faz o meu gênero – Em defesa das políticas das diferenças para o respeito à diversidade sexual e de gênero no Brasil**. *Contemporânea*– Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, v. 3, n. 2, jul.-dez. 2013, pp. 405-427.

DESGRANGES, F. **A pedagogia do espectador**. São Paulo: Hucitec, 2003.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade: o cuidado de si**. 10 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. Verdade e poder. In: MACHADO, Roberto (Org.). **Microfísica do Poder**. 23. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007, p. 01-14.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um Novo Paradigma Estético**. São Paulo: ed. 34, 1992.

LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (Orgs.) **Corpo gênero e sexualidade: um debate contemporâneo**. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista**. Petrópolis- RJ: Vozes, 2004.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p. 3-15.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Para uma sociologia das ausências e das emergências**. *Revista Crítica de Ciências Sociais*,63, 237-280, 2002.

SANTOS, Erick Naldimar. **História do Grupo de Teatro Mutart**. Senhor do Bonfim, 20 de Out. 2016. 1 arquivo mp3 (2:21:20). Entrevistador: Erick Naldimar dos Santos.

_____. **Um palco de vozes, lutas e subjetivações no Grupo de Teatro (gay) Mutart no semiárido baiano**. XIII ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2017.

SILVA, Reginaldo Carvalho. **Um rio de lágrimas banha o sertão baiano o melodrama na cidade de Senhor do Bonfim-Ba (1913-1953)**. Repertório, Salvador, nº 23, p.116-131, 2014.2.

THÜRLER, Djalma. **Dzi Croquettes: a instabilidade como imperativo, o hibridismo como riqueza**. *IX Reunião de Antropologia do Mercosul*, 2011, Curitiba. In <http://www.ram2011.org> (Acessado em 02 de setembro de 2011).

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 6ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Record, 2004.